



Design para a Base da Pirâmide (BoP): implicações para o modelo de Moradia Primeiro

"Design for the Base of the Pyramid (BoP): implications for the Housing First Model"

Isabela Macário Custódio, Mestranda, Universidade Estadual Paulista.

isabela.macario@unesp.br

Aguinaldo dos Santos, Doutor, Universidade Federal do Paraná.

asantos@ufpr.br

Tomás Queiroz Ferreira Barata, Doutor, Universidade de São Paulo.

barata@usp.br

[Linha temática: T3. Design Social]

Resumo

Considerando a dimensão social do Design Sustentável, este artigo tem como objetivo verificar as possibilidades de implementação da filosofia de Moradia Primeiro como política pública, visto que se caracteriza como uma forma de atuação do Design para a Base da Pirâmide (BoP) que favorece a inclusão da população em situação de rua na comunidade, proporcionando equidade e coesão social. A fundamentação teórica descreve os conceitos do Design BoP relacionando-o com o serviço de Moradia Primeiro por meio de revisão bibliográfica de autores que tratam destas definições. Em seguida, é realizada análise da organização denominada *Low Income Housing Institute* (LIHI), localizado em Seattle, mais especificamente o programa *Tiny House Villages*. Após discussão sobre as diretrizes organizacionais e projetuais propostas por eles, as informações coletadas serão relacionadas ao contexto social do Brasil.

Palavras-chave: Design Sustentável; Base da Pirâmide; Moradia Primeiro; População em Situação de Rua

Abstract

Considering the social dimension of Sustainable Design, this research aims to review the possibilities of implementing the Housing First philosophy as a public policy, as it is characterized as a form of action of Design for the Base of the Pyramid (BoP) that promotes the inclusion of the homeless population in the community and provides equity and social cohesion. The theoretical basis describes the ideas of Design BOP and relates them to Housing First services through a literature review of authors working on these definitions. This is followed by an analysis of the Seattle-based organization Low Income Housing Institute (LIHI), more specifically the Tiny House Villages program. After discussing the organizational and design guidelines they propose, the information gathered is related to the Brazilian social context.

Keywords: Sustainable Design; Base of the Pyramid; Housing First; Homeless Population



1. Introdução

No âmbito do design sustentável, o aspecto social é marcado por desigualdades e violação de direitos humanos fundamentais. A falta de moradia afeta uma parcela significativa da população que está localizada na base da pirâmide econômica mundial, o que constitui um tema contemporâneo caracterizado por condições de extrema pobreza que acarreta a utilização de espaços públicos como abrigo temporário ou permanente.

O design para a base da pirâmide (BoP) se concentra na criação de soluções sustentáveis e acessíveis para comunidades de baixa renda. Frequentemente busca compreender as necessidades e desafios únicos enfrentados por essas pessoas e o desenvolvimento de produtos, serviços e sistemas adaptados às suas circunstâncias específicas, envolvendo a colaboração com comunidades locais e partes interessadas na solução de problemas (Santos, Kramer; Vessoli, 2009).

O contingente de pessoas na base da pirâmide está com tendências de aumento significativo, o United Nations Centre for Human Settlements (UNCHS - Habitat) estima que 1,1 bilhão de pessoas vivam em condições de moradia inadequadas, e a previsão é de que esse quantitativo possa duplicar até o ano de 2030. Dessa forma, para oferecer condições de moradia a níveis aceitáveis, deveriam ser construídas cerca de 95 mil novas unidades habitacionais por dia nos países em desenvolvimento, como o Brasil (Kandachar; Jongh; Diehl, 2009).

Devido à condição de rua possuir natureza dinâmica, os dados relativos a essa população no país se baseiam em estimativas, que demonstram um crescimento aparente nos últimos anos, de 137.849 pessoas em março de 2016 para 221.869 no mesmo mês de 2020 (IPEA, 2020). O fato de não haver uma contagem oficial em nível nacional, dificulta a inclusão dessas pessoas pelo Estado no planejamento governamental, na distribuição de recursos, e na criação e manutenção de políticas públicas que as atendam de maneira adequada.

Sob outra perspectiva, o design para a inovação social se apresenta como uma abordagem que busca soluções criativas e inovadoras para problemas sociais e ambientais, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida das pessoas e promover a sustentabilidade. Assim como o design BoP, envolve a colaboração entre designers, usuários e outras partes interessadas, e se concentra em criar soluções que sejam acessíveis, inclusivas e que atendam às necessidades reais das pessoas (Manzini, 2008).

Em outras palavras, busca entender as necessidades e desejos das pessoas envolvidas em um determinado contexto social, como forma de criação de soluções que possam melhorar sua qualidade de vida e promover mudanças positivas na sociedade como um todo (Freire; Oliveira, 2017).

Considerando esta situação, para implementar políticas públicas de habitação eficientes é preciso buscar a garantia de coesão social por meio de ações que favoreçam a inclusão e participação de todos os cidadãos, especialmente dos futuros moradores nas discussões e tomadas de decisão. Deste modo, almeja a equidade social, que se trata da “busca contínua de redução de barreiras sociais, culturais, econômicas e políticas que resultam em exclusão ou desigualdade” (Santos et al. 2019, p.49) .

A partir do contexto apresentado, este artigo tem por objetivo analisar as implicações do conceito de Moradia Primeiro para o projeto de habitações no Brasil, verificando a possibilidade de implementação deste modelo como política pública que atenda as pessoas em situação de rua. Dessa forma, abrange a dimensão social do design sustentável por meio do design para a base da pirâmide (BOP), na tentativa de ofertar melhores condições de vida para essa população que se encontra em situação de vulnerabilidade social.

2. Procedimentos Metodológicos

O presente artigo, por se tratar de um estudo exploratório de abordagem qualitativa, adotou uma metodologia composta por revisão de literatura e análise de dados, com o intuito de aprofundar a compreensão sobre o tema em questão.

A pesquisa bibliográfica foi utilizada como ponto de partida por meio de consulta de artigos, livros, e outros documentos relacionados ao tema, permitindo uma revisão assistemática de literatura e estabelecendo a base teórica necessária para a fundamentação do estudo. Além disso, foi possível identificar pontos a serem observados e analisados na etapa seguinte.

Em um segundo momento, houve a investigação de uma situação específica que exemplificasse e aplicasse os conceitos previamente abordados. Diante disso, foi escolhido para análise o programa *Tiny House Villages* em Seattle, que utiliza os conceitos de Moradia Primeiro na prática. Esta análise foi realizada a partir dos dados disponibilizados pela organização com o intuito de identificar fatores contextuais e formas de aplicação do modelo no contexto social do Brasil.

3. Resultados

A seção de resultados foi organizada em dois tópicos para melhor compreensão, são eles: O conceito de Design para Base da Pirâmide (BOP) aplicado ao modelo de Moradia Primeiro (*Housing First*) (item 3.1) e Investigação: *Tiny House Villages* (item 3.2).

3.1. O conceito de Design para Base da Pirâmide (BOP) aplicado ao modelo de Moradia Primeiro (*Housing First*)

Cerca de 4,5 bilhões de pessoas estão na base da pirâmide econômica, número que corresponde a aproximadamente dois terços da população mundial. Para que se desenvolva a oferta de produtos e serviços pensados para a BOP, é necessário um olhar global e a utilização de estratégias visando atender as necessidades humanas básicas. Assim, será possível o desenvolvimento de tecnologias e produtos ambientalmente sustentáveis que poderão ser difundidos para todo o mundo (Prahalad; Hart, 2008).

O maior desafio está concentrado em distribuir produtos e serviços que melhorem a qualidade de vida deste público de maneira economicamente lucrativa, culturalmente sensível e ambientalmente sustentável, o que exige inovações radicais em tecnologia e modelos de negócios (Pralhad; Hart, 2008).

São várias as teorias que definem o conceito de inovação, como a encontrada no Manual de Oslo que estabelece a inovação como “implementação bem-sucedida de um produto (bem ou serviço) novo ou significativamente aprimorado, um processo, um novo método de marketing ou um novo método organizacional nas práticas de negócios, organização do local de trabalho ou relações externas” (OCDE, 2005, p. 55).

Mas, esta definição não abrange as implicações que este novo produto ou processo provoca no contexto cultural de um local específico. Uma definição mais abrangente de inovação é apresentada por Wijnberg (2004), como sendo “algo novo, que se apresenta de tal forma que o valor será determinado pelos selecionadores” (Wijnberg, 2004, p. 1416).

O papel do design neste contexto é compreender o impasse que existe entre a necessidade de obtenção de lucro por parte das empresas e a preocupação com a sustentabilidade ambiental, de forma que sejam repensados os fluxos existentes durante a produção e distribuição. Deste modo, alterar a escala de atuação da empresa é de suma importância, ou seja, pensar em operações em pequena escala que atuem em problemas locais, mas propor soluções que possam ser modificadas para atender a escala mundial.

Para isso, podem ser estimulados o uso de recursos renováveis, a priorização dos mercados locais por meio de uma rede de economia distribuída, considerando a população daquela comunidade como participantes ativos do processo, não só como clientes potenciais, mas também como produtores, resultando em benefícios sociais, econômicos e ambientais (Santos, Kramer; Vessoli, 2009).

Os altos níveis de pobreza e desigualdade social encontrados na sociedade são indicativos da negligência dos diversos atores envolvidos nessa questão. Por um lado, esses assuntos são cabíveis de regulamentação por órgãos governamentais e, por outro lado, as demais organizações também podem agir para reduzir esses impactos. Nesse contexto, constata-se que realizar negócios, produtos e serviços para o segmento da população que se encontra na base da pirâmide é um verdadeiro desafio (Bataglin, 2013).

Este novo mercado se mostra uma oportunidade para que empresas, governo e sociedade civil se unam por uma causa em comum (Pralhad; Hart, 2008). Para que esses novos contextos se tornem compreensíveis, é preciso usar técnicas participativas inovadoras para obtenção de informações verídicas que vão além dos métodos de pesquisa observacional realizadas em grupos focais comuns (Kandachar; Jongh; Diehl, 2009).

Dessa forma, serão criadas soluções significativas para a BOP se for utilizada uma abordagem sistêmica com base em estratégias de inovação evolucionárias ou revolucionárias que incorpore novas tecnologias, mas principalmente que tragam novos significados para os usuários (Castillo, Diehl; Brezet, 2012).

O programa Moradia Primeiro, ou *Housing First* (HF), é um exemplo de teoria pensada para a BOP, mais especificamente para pessoas em situação de rua. Possui características como: olhar global ao mesmo tempo que propõe soluções para os problemas locais, estratégias que atendam as necessidades humanas básicas, melhoria da qualidade de vida dos usuários e

utilização de técnicas participativas. Ou seja, formas de incluir a comunidade no processo de criação e o envolvimento de governo, empresa e sociedade por uma causa, caracterizando-se como uma provável política pública.

Esta teoria foi desenvolvida originalmente nos EUA, mas vários serviços estão sendo testados em outras localidades. Basicamente, o HF quebra a linha de “serviços de escada” que é amplamente utilizado no Brasil para o atendimento de pessoas em situação de rua. Este serviço se caracteriza por fornecer imediatamente a essas pessoas uma moradia segura e permanente antes de qualquer outra coisa, separando a habitação dos serviços de apoio utilizados por essa comunidade, isso significa que a pessoa recebe uma habitação sem que precise participar efetivamente de outros serviços como tratamento psiquiátrico ou abstenção de drogas e álcool.

O *Housing First* tornou-se muito influente porque é o primeiro serviço para pessoas em situação de rua que pode demonstrar claramente que fornece uma solução duradoura e estabilidade habitacional para a maioria dos sem-teto crônicos. Há fortes evidências de que o *Housing First* faz o que nenhum outro serviço de sem-teto conseguiu alcançar, fornecendo soluções duradouras para a forma mais extrema de vida na rua (Place, 2012, p.41).

Observa-se que as ideias do HF como mudança de paradigma podem ser adaptadas para projetar serviços em diferentes países com características distintas, mas, apesar de ser flexível, possui algumas diretrizes que precisam ser abordadas para garantir a eficácia do método. Os elementos principais que precisam ser seguidos são o acesso imediato à habitação, a separação entre moradia e serviços de apoio, e a abordagem de redução de danos (Place, 2012).

3.2. Investigação: *Tiny House Villages*

O *Low Income Housing Institute* (LIHI) está localizado na cidade de Seattle e possui compromisso com a defesa de pessoas de baixa renda e em situação de rua. Sua atuação se iniciou com o oferecimento de serviços de advocacia e assistência técnica para promover os interesses desta população e atualmente trabalha no oferecimento de habitações transitórias, permanentes e HF.

Entre seus trabalhos, pode-se citar a reforma de prédios abandonados para implementar unidades habitacionais de baixa renda, autogestão destes edifícios e desenvolvimento de soluções habitacionais inovadoras. Além disso, propôs em um destes prédios a criação do *Urban Rest Shop*, um centro de higiene que oferece local para banho e lavagem de roupas, bem como distribuição de artigos de higiene de forma gratuita para pessoas em situação de rua.

Entre outros serviços prestados pelo LIHI, o que se destaca para o desenvolvimento desta pesquisa é o programa *Tiny House Villages*, que utiliza a filosofia do HF. Ele surgiu como um acampamento de barracas para abrigar pessoas em situação de rua na sede do instituto e como forma de melhoria do serviço ofertado, foram construídos abrigos de madeira (Figura 1), fazendo com que o programa se transformasse em modelo para cidades que procuram respostas melhores e mais viáveis para o suporte de pessoas em situação de vulnerabilidade social.



Figura 1: *Tiny House Villages*. Fonte: LIHI, 2023.

Atualmente o instituto possui 18 vilas que são operadas ou apoiadas por eles, com capacidade para atender mais de 2000 pessoas anualmente. Cada casa tem aproximadamente 8' x 12' (8,82m²) e os materiais para sua construção custam cerca de US\$ 4.500, equivalente a aproximadamente R\$22.000,00. Todas elas possuem estrutura para manter os moradores em condições de segurança, com eletricidade, isolamento e aquecedor.

Cada vila possui instalações de higiene, lavanderia, cozinha comunitária, acesso a serviços públicos e uma comunidade vizinha de apoio que se encontra engajada no sucesso do programa e dos moradores. O LIHI conta com programa de parceria de vizinhos, voluntários, grupos comunitários, ONGs, organizações religiosas, empresas, clubes e escolas que ajudam no apoio dos moradores com doações e refeições.

Esta extensa rede de colaboradores é de suma importância para o sucesso do projeto, pois é capaz de criar um envolvimento da comunidade e gerar sentimento de pertencimento por parte dos futuros moradores, que estão sendo acolhidos e inseridos em um novo contexto social.

De acordo com dados disponibilizados pelo instituto, até o momento os serviços de apoio e moradia tiveram efeito positivo na retirada dessas pessoas da rua, sendo que 65% dos moradores são empregados e se mudam para habitações permanentes em menos de 6 meses de participação no programa (LIHI, 2023), como pode-se observar na Figura 2.

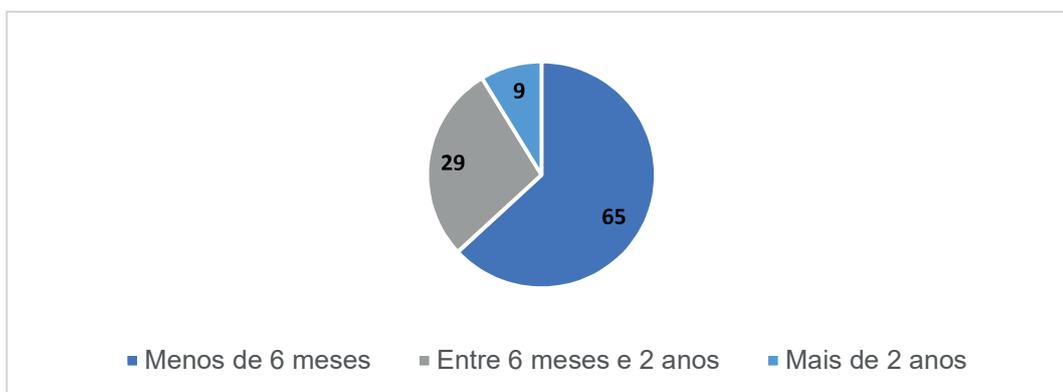


Figura 2: Permanência no programa *Village*. Fonte: LIHI, 2023.

Um dos pontos interessantes deste projeto é que o LIHI trabalha com design *opensource*, possuindo uma base de dados completa com arquivos que auxiliam na implementação das *Tiny Houses Villages* por qualquer pessoa e em qualquer lugar do mundo.

Os dados compartilham informações de diversos modelos, como orientações de segurança, formulários, lista de materiais, ferramentas e equipamentos necessários para construção, fotos de todas as etapas de montagem e um guia completo com todas os passos para a construção de uma *Tiny House*. Isto permite que as comunidades que se interessem pelo programa consigam modificar o projeto de acordo com as necessidades locais e aplicá-las de forma segura e efetiva.

4. Discussões

Como dito anteriormente, não se possui dados precisos sobre a quantidade de pessoas em situação de vulnerabilidade social morando nas ruas no Brasil, a última estimativa foi realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em março de 2020. Como podemos observar na Figura 3, a população em situação de rua está em tendência de elevação contínua, levemente acentuada a partir do ano de 2016 (IPEA, 2020). Como a estimativa não ocorreu nos anos subsequentes, pode-se supor que os números tenham aumentado de maneira significativa, principalmente devido as condições econômicas enfrentadas nos últimos anos.

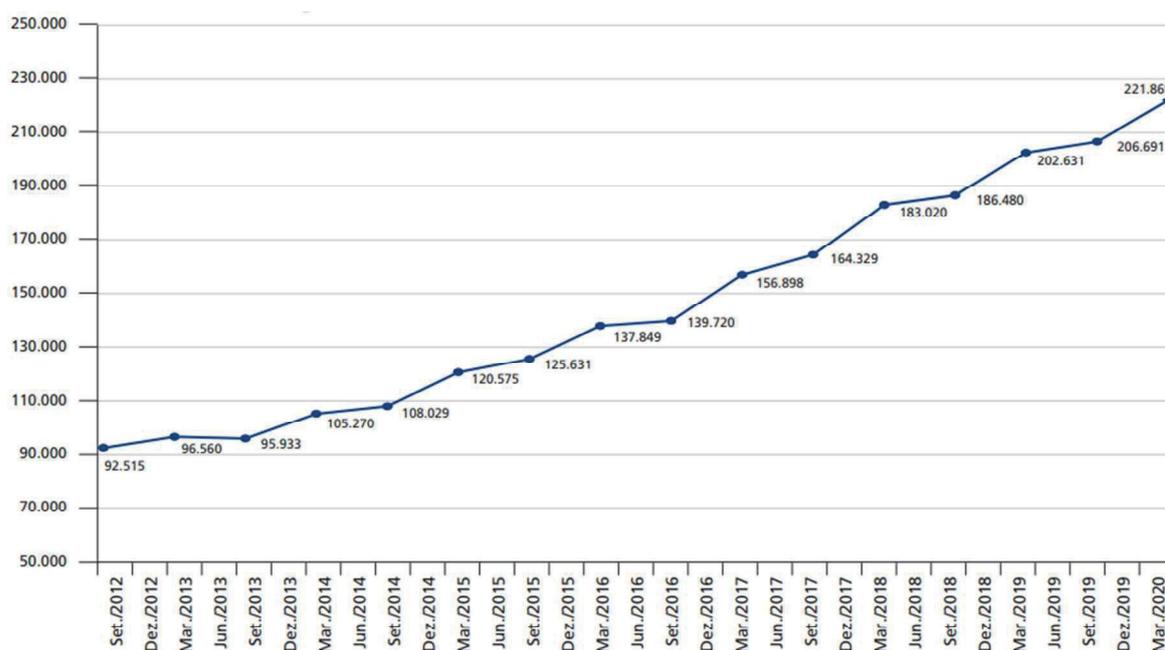


Figura 3: Estimativa do número de pessoas em situação de rua no Brasil. Fonte: IPEA, 2020.

Outra alteração que se pode supor é o aumento da população em situação de rua fora dos grandes centros urbanos, em municípios de escala menor, o que sugere a necessidade de estabelecimento de políticas públicas por todo o país, para auxílio a estas pessoas.

Os motivos que levam as pessoas a se encontrarem em situação de rua revela uma combinação complexa de fatores sociais, econômicos e pessoais. Como pode-se observar na Figura 4, os problemas com álcool ou drogas são os maiores responsáveis (35,5%) por essa condição, o que destaca o desafio da dependência química na sociedade e a necessidade de abordagens de tratamento e apoio apropriadas para lidar com esse problema (Brasil, 2009).

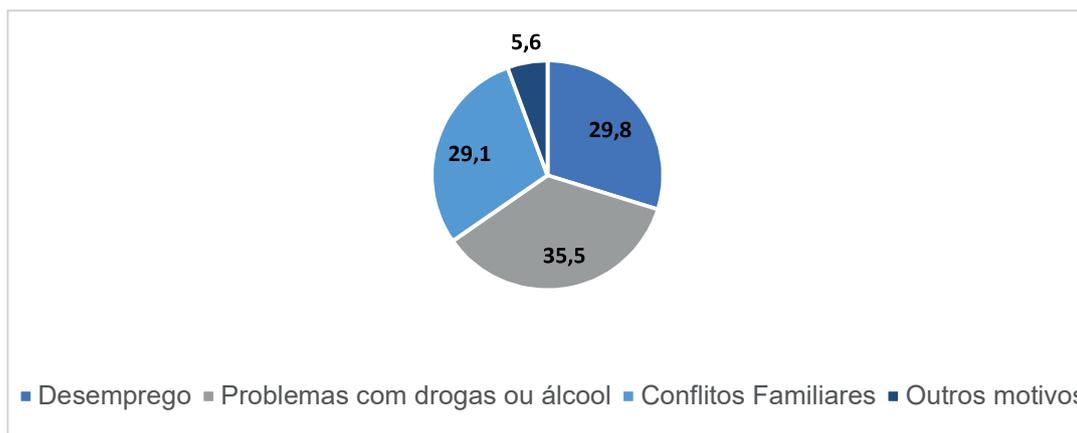


Figura 4: Motivo para se encontrar em situação de rua (%). Fonte: Adaptado de Brasil (2009).

O desemprego (29,8%), indica a fragilidade das redes de segurança social e a importância de políticas públicas que visem a geração de emprego e a inclusão econômica de grupos vulneráveis e os conflitos familiares (29,1%) destacam a importância das relações familiares no apoio à resolução de conflitos interpessoais (Brasil, 2009).

A categoria "outros motivos", embora representando uma parcela menor (5,6%), pode incluir uma variedade de fatores como questões de saúde mental não relacionadas a álcool ou drogas, situações de violência ou abuso, entre outros, mostrando a diversidade de situações que podem levar alguém a ficar sem moradia (Brasil, 2009).

As informações sobre os locais onde essas pessoas passam a noite (Figura 5) oferecem uma análise importante sobre os padrões de funcionamento de abrigos e serviços de apoio, como albergues e centros de passagem. A maioria significativa das pessoas em situação de rua (69,6%) passa as noites diretamente na rua, destacando a necessidade de intervenções para fornecer abrigo adequado e seguro (Brasil, 2009).

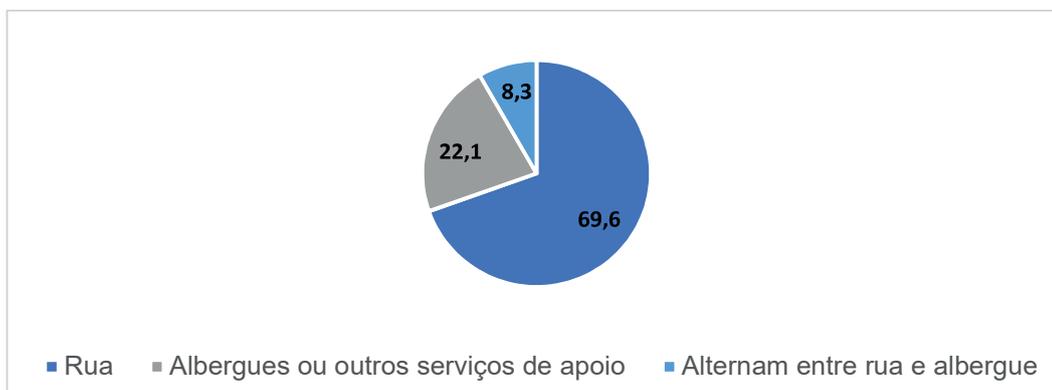


Figura 5: Local onde passam a noite (%). Fonte: Adaptado de Brasil (2009).

A utilização de albergues ou serviços de apoio (22,1%) indica que poucas pessoas estão acessando formas de abrigo temporário (Brasil, 2009). Isso sugere a importância de expandir a disponibilidade e a qualidade dos serviços oferecidos, além de abordar possíveis barreiras que possam estar impedindo um maior acesso a essas opções.

Já o fato de que 8,3% das pessoas alternem entre a rua e os albergues durante seu período na rua, sugere uma instabilidade em suas condições de moradia (Brasil, 2009). O que pode estar relacionado a desafios pessoais referentes ao não sentimento de pertencimento, à disponibilidade limitada de abrigos, ou à forma de funcionamento dos serviços oferecidos que também dificultam a permanência.

Atualmente no Brasil, o modelo de acolhimento implantado do Brasil segue o roteiro etapista, ou “de escada” (Figura 6), caracterizado inicialmente por uma abordagem social realizada nos Centros POP, seguido do acolhimento institucional também realizado nos Centros POP, posteriormente esse usuário é encaminhado para a moradia transitória e só então consegue acesso à uma moradia definitiva (ENAP, 2021).



Figura 6: Modelos de abordagem social. Fonte: ENAP, 2021.

Já o modelo do programa Moradia Primeiro (HF) inverte esta ordem, trazendo o acesso à moradia definitiva como o primeiro passo para obtenção de melhores condições de vida. Mas, não deixa de contar com um sistema de apoio posterior com acompanhamento e suporte técnico, bem como a conexão com as demais políticas públicas, de segurança, educação, saúde, entre outras.

Em ambos os modelos não há alteração nas características da moradia definitiva ofertada, sendo exatamente o mesmo produto, em área, uso e função, contendo os mesmos ambientes, ou seja, apenas ocorrendo uma inversão na ordem deste acontecimento.

Este estudo propõe que a denominada “moradia definitiva” seja implantada no Brasil no modelo HF, para isso é possível se basear em programas como o *Tiny House Villages*. Pois, além de proporcionar as condições mínimas para repouso, alimentação e higiene, possibilita um

custo menor de produção, visto que a oferta de serviços como, por exemplo, hidráulico coletivos podem baratear enormemente o custo das habitações que hoje, no Brasil, são individuais.

A *Tiny House* pode ser considerada como uma “moradia definitiva”, pois o morador terá propriedade e responsabilidade sobre ela, será utilizada apenas por ele até que seu ciclo de inserção na sociedade se complete, contando com o apoio de políticas públicas que lhe proporcione melhores condições de vida e de pertencimento a comunidade em que vive.

5. Considerações Finais

Percebe-se que o design BOP pode ser fonte de transformação local, mas também busca uma sustentabilidade global nos quesitos produção e consumo. Dessa forma, ser torna complexo o desenvolvimento de produtos e serviços para um público composto por bilhões de pessoas com acesso limitado a elementos básicos como saúde, alimentação, saneamento básico, abrigo, entre outros.

Para implementação do Moradia Primeiro (HF) no Brasil, se faz necessário a adaptação desse modelo para as condições locais do país, como a verificação de estruturação dos serviços de apoio e a consideração das diversidades culturais e socioeconômicas. O design, nesse contexto, desempenha um papel importante na adaptação das diretrizes do HF em soluções tangíveis e eficazes, mas o processo envolve também outros agentes como arquitetos, assistentes sociais, profissionais de saúde e membros das comunidades locais para garantir o apoio necessário, reafirmando o caráter interdisciplinar de um projeto destas dimensões.

A acessibilidade, tanto física quanto econômica, e a sustentabilidade também são aspectos críticos do programa. Dessa forma, é crucial considerar o uso de materiais de baixo custo, o ciclo de vida completo dos produtos e sistemas, técnicas construtivas apropriadas, os impactos ambientais e sociais ao longo do tempo. As soluções projetuais buscam sanar os desafios específicos enfrentados por populações em situação de vulnerabilidade, por isso uma abordagem centrada no usuário que envolva potenciais residentes no processo de design é de grande importância.

O programa exige certo nível de flexibilidade e adaptabilidade, reconhecendo que as soluções eficazes podem variar amplamente de acordo com a região que serão implantadas. A escolha por materiais de baixo impacto produtivo, a incorporação de sistemas de energia renovável, a otimização da ventilação e iluminação natural, e a reutilização das estruturas por novos moradores assim que as moradias forem desocupadas, são decisões que podem ser acordadas com os futuros moradores.

Portanto, a adaptação do HF para o contexto do Brasil apresenta seus desafios e oportunidades, mas deve ser conduzida com sensibilidade, empatia e embasada em conhecimentos técnicos. O design sustentável para BOP desempenha um papel vital ao integrar o conceito de moradia digna com a responsabilidade de promover a equidade. Ao realizar este feito, o projeto de Moradia Primeiro (HF) no país pode se tornar um exemplo de promoção de mudanças positivas na sociedade, de maneira justa e inovadora.



Referências

BATAGLIN, Jaiarys. **Inovação Sustentável e a Base da Pirâmide (BOP):** Um Estudo de Caso na Unilever. XVI ENGEMA - Inovação e sustentabilidade: um desafio para enfrentar as mudanças climáticas e seus impactos planetários. Encontro Internacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente-ENGEMA, São Paulo, 2014, v. 6.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Rua: aprendendo a contar: Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua.** Brasília, DF: MDS; Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação, Secretaria Nacional de Assistência Social, 2009.

CASTILLO, L.; DIEHL, J. C. BREZET, H. **Design Considerations for Base of the Pyramid (BoP) Projects.** Cumulus 2012 Conference, Helsinki, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/257927083_Design_Considerations_for_Base_of_the_Pyramid_BoP_Projects. Acesso em: 22 jul. 2023.

ENAP – Escola Nacional de Administração Pública. **Modelo Moradia Primeiro (Housing First) para a População em Situação de Rua – Módulo 1.** Pasta Pública. Brasília: ENAP, 2021.

FREIRE, K. de M.; OLIVEIRA, C. M. M.. Comunidades criativas e *codesign*. In: ARRUDA, A. J. V. (org.). **Design e inovação social.** São Paulo: Blucher, 2017. p. 109-132.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Estimativa da população em situação de rua no Brasil (setembro de 2012 a março de 2020).** Brasília: Ipea, 2020. (Nota Técnica, n. 73) Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/10074>. Acesso em: 12 ago. 2023.

KANDACHAR, P.; DE JONGH, I.; DIEHL, J. C. (ed.). **Designing for Emerging Markets: Design of Products and Services.** Delf: Delf University of Technology, 2009.

LIHI. **Low Income House Institute**, c2023. Homepage. Disponível em: <http://www.lihihousing.org/>. Acesso em: 14 de ago. de 2023.

MANZINI, E. **Design para a inovação social e sustentabilidade:** Comunidades criativas, organizações colaborativas e novas redes projetuais. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

OCDE. Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico. **The Measurement of Scientific and Technological Activities: Guidelines for Collecting and Interpreting Innovation Data:** Oslo Manual. 3. ed. OECD publishing, 2005.

PLEACE, N. **Housing first:** European Observatory oh Homelessness. França, DIHAL, 2012. Disponível em: https://www.feantsaresearch.org/download/housing_first_pleace3790695452176551843.pdf. Acesso em: 22 jul. 2023.

PRAHALAD, C. K.; HART, S. L. The Fortune at the Bottom of the Pyramid. **Estratégia & Negócios**, Florianópolis, v.1, n. 2, jul./dez.2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/260943834_The_Fortune_at_the_Bottom_of_the_Pyramid. Acesso em: 15 jul. 2023.



SANTOS, A. *et al.* **Design e Sustentabilidade: Dimensão Social**. 1. ed. Curitiba: Insight, 2019.

SANTOS, A.; KRÄMER, A.; VEZZOLI, C.. Design brings innovation to the Base of the Pyramid. **Design Management Review**, v. 20, n. 2, p. 78-85, out., 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/230375861_Design_Bringing_Innovation_to_the_Base_of_the_Pyramid. Acesso em: 15 jul. 2023.

WIJNBERG, N. M. Innovation and Organization: Value and Competition in Selection Systems. **Organization Studies**, 25(8), p. (1413-1433), out., 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/240279694_Innovation_and_Organization_Value_and_Competition_in_Selection_Systems . Acesso em: 12 ago. 2023.